



A desconstrução da infância moderna em rumo a uma infância decolonial

Daniele Ribeiro dos Santos, Larissa Ribeiro Machado, Beatriz Corsino Pérez

Este trabalho visa articular o pensamento decolonial ao contexto da infância, com o objetivo de analisar as sequelas da colonização na concepção de infância presentes na psicologia e na educação. Realizamos uma revisão bibliográfica nas plataformas SciElo, Google Acadêmico e Mendeley. Obtemos 37 textos, coletamos para uma leitura integral 12 desses entre os anos de 2006 a 2020. Ademais, embasaram o estudo a leitura de autores clássicos (Césarie 1978; Fanon, 1961) que abordam sobre os efeitos da colonização e contemporâneos dos estudos da infância (Noguera, 2018;2019; Castro, 1999). Com base nos achados, a colonização instituiu relações de superioridade de um determinado continente em detrimento de outros. O olhar superior da Europa para com a África e América, constituiu as configurações de poder entre raça, idade e gênero, sendo utilizadas como argumento de dominação, principalmente a partir do século XIX, pelo discurso de levar o progresso para esses lugares, tidos como “infantis”. A noção de progresso influenciou na Psicologia a construção da psicologia do desenvolvimento, que divide as fases da vida em estágios previsíveis, a qual se questiona sobre a interferência do tempo de vida nos processos da criança até chegar a vida adulta; abordando conhecimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor. Assim, a construção da infância moderna na Europa reverberou um único modo de ser criança que foi imposto nas diferentes partes do mundo. Esta concepção implicou o processo de institucionalização e de proteção das crianças do mundo produtivo. A escola, portanto, passou a consistir como num lugar de afirmação da visão identitária do ser criança. Nessa lógica, essa instituição possibilitaria à criança a constituição “do vir a ser” alguém, visando a superação dos estágios do desenvolvimento humano. Portanto, as crianças precisam passar pela instituição escolar para se tornar uma pessoa de direitos e deveres, e futuros cidadãos. Entretanto, podemos considerar que as escolas também reforçam os padrões coloniais. Para romper com a infância moderna e ir em rumo a uma infância decolonial é necessário o reconhecimento da mesma como uma experiência de percorrer caminhos. Sendo assim, não existe apenas um único modo de existir, o europeu, porém diversas formas de ser criança, como observamos nos povos originários latinoamericanos e nas comunidades tradicionais brasileiras. Notamos que essa articulação entre o pensamento decolonial e a infância sucede como um cenário novo para estudos, necessitando de uma maior exploração científica. Vale ressaltar que consiste em um potente campo para novas pesquisas.

Universidade Federal Fluminense - UFF PROAES